

Os segredos de Joseph Mitchell: omissões e equívocos de um clássico jornalístico

Joseph Mitchell's secrets: omissions and misconceptions of a journalistic classic

Marcos Antonio Zibordi^{ai}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4818-2117>

Recebido em: 05/06/2022. Aprovado em: 24/10/2022.

Resumo

O objetivo deste artigo é explicitar e contrapor as omissões de informações e deslizes éticos do jornalista Joseph Mitchell na feitura dos dois perfis do boêmio Joe Gould. A abordagem utiliza o método comparativo e conceitos de ética jornalística, análise narrativa e da linguística. Com esses procedimentos e aportes, demonstramos que, ao contrário de serem modelares para o gênero, por sua celebrada qualidade, os dois perfis de Joe Gould são exemplos daquilo que deve ser evitado na feitura de textos jornalísticos biográficos.

Palavras-chave: perfil; jornalismo literário; Joe Gould.

Abstract

The objective of this article is to explain and oppose the omissions of information and ethical slips of the journalist Joseph Mitchell in the making of the two profiles of the bohemian Joe Gould. The approach uses the comparative method and concepts of journalistic ethics, narrative analysis and linguistics. With these procedures and contributions, we demonstrate that, contrary to being models for the genre, due to their celebrated quality, Joe Gould's two profiles are examples of what should be avoided when writing biographical journalistic texts.

Keywords: profile; literary journalism; Joe Gould.

Introdução

Os dois perfis do boêmio Joe Gould escritos pelo jornalista Joseph Mitchell são considerados clássicos do jornalismo dito literário por diversos especialistas, desde Tom Wolfe (2005), até pesquisadores brasileiros, como Lima (2009) e Martinez (2016). No primeiro perfil, publicado em 1942, Joe Gould é apresentado como um excêntrico morador de Nova York que fala com gaivotas e escreve uma História Oral monumental, doze vezes maior do que a Bíblia. No segundo perfil, 22 anos depois, o jornalista revela

^a Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo/Brasil. E-mail: mzibordi@hotmail.com

que foi enganado por Gould, sobretudo em relação ao livro que dizia escrever – a obra não existia.

Apesar do equívoco assumido, que seria indesculpável por revelar erros primários de apuração, há uma unanimidade sobre os perfis de Joe Gould, festejados como modelares. Nossa intenção é explicitar tais falhas e contrapor esse pensamento hegemônico demonstrando que o jornalista negligenciou indícios capazes de revelar a mentira e sonegou informações cruciais na redação do primeiro perfil. Para isso, mobilizaremos conceitos relativos à ética jornalística, como também da análise da narrativa, em procedimento comparativo dos dois perfis, e instrumentais da linguística, principalmente os conceitos de coesão e coerência, para procurar compreender as falhas jornalísticas de Joseph Mitchell. Entendemos que os textos não são exemplares de qualidade jornalística, mas de como não fazer perfis.

Quanto ao enquadramento ético da análise, partimos do pressuposto de que “a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11). Por isso, procuraremos demonstrar que, ao falhar eticamente, o jornalista Joseph Mitchell comprometeu o perfil de Joe Gould. Conforme pontua Karam, “parte significativa da compreensão dos fatos está não apenas em seu relato, mas na seleção das fontes, dos porta-vozes, na escolha de parte das declarações sobre um acontecimento” (2004, p. 179). Nesse sentido, a eficácia jornalística deveria ter começado no rigor da abordagem do perfilado, que não foi crítica, mas condescendente.

Sobre o procedimento metodológico comparativo adotado neste artigo, assumimos que comparar não é um fim em si mesmo, mas um meio, “um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva)”, conforme explica Carvalho (2004, p. 08). Assim, ao compararmos os dois textos biográficos, pretendemos diferenciá-los para explicitar aquilo que deveria ter aparecido no primeiro perfil, mas que surgiu somente no segundo, evidenciando dois aspectos: as informações sonegadas na versão inicial poderiam comprometer a veracidade do relato, enquanto, ao serem divulgadas no segundo perfil, aparecem como justificativa do erro jornalístico de Joseph Mitchell.

Nessa comparação, realizaremos uma síntese dos dois perfis, “procedimento metodológico profícuo para entrar cada vez mais dentro da narrativa em análise, estudar cada vez mais profundamente a estrutura da intriga” (MOTTA, 2013, p. 153).

Comparativamente, determinaremos as principais passagens do enredo e as conexões que revelam a trama:

O analista precisa decompor e recompor a estória com rigor e identificar suas partes componentes, as sequências básicas, os pontos de virada ou inflexões essenciais, os limites dos episódios parciais, as conexões entre eles, os conflitos principais e secundários, o protagonista e o antagonista principais e seus adjuvantes, como o enredo organiza a totalidade, e assim por diante, a fim de compreender como o narrador compôs sua estória na situação de comunicação. (MOTTA, 2013, p. 141).

No que diz respeito aos instrumentais linguísticos com os quais abordaremos os perfis de Joe Gould, os conceitos de “coesão” e “coerência” são fundamentais para a construção de sentidos, sendo o primeiro mais associado ao texto, e o segundo, a quem lê ou se relaciona com algum falante ou produção escrita. Segundo Koch (2003, 2015), coesão se refere à maneira como elementos linguísticos do texto estão conectados, formando sequências que produzem sentido, enquanto coerência é a atribuição, pelos interlocutores, de possibilidades de compreensão, previstas ou não pelo autor.

Essa distinção é apenas didática, coesão e coerência são fenômenos interligados. “Coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência, já que esta não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, numa situação interativa”, enquanto coerência é um “fenômeno semântico, por estar ligada com as macroestruturas textuais profundas” (KOCH, 2015, p. 46).

Com esses instrumentais de análise narrativa e linguística, argumentaremos no sentido de demonstrar a hipótese de que Joseph Mitchell não dispunha de condições suficientes para perfilar Joe Gould, tanto do ponto de vista dos procedimentos ético-profissionais, de captação jornalística, sobretudo na realização das entrevistas com o personagem, como também não tinha percepção de processos linguísticos, ou tinha bem menos do que seu perfilado, que o enganou.

Perfis contrapostos

Conforme indicamos, acreditamos que a contraposição dos resumos dos dois perfis de Joe Gould pode relevar omissões, equívocos de apuração e, mais importante, informações com grande potencial de questionar as declarações do perfilado, e até revelar suas mentiras – informações que o jornalista Joseph Mitchell tinha antes de escrever o primeiro perfil, mas só publicou no segundo, 22 anos depois, para justificar o engano no qual se declarou enredado.

No primeiro perfil, veiculado pela revista *The New Yorker* em 1942, intitulado “Professor gaivota”, Joseph Mitchell cria um narrador que assume como verdadeiras as declarações dadas pelo personagem Joe Gould, passando a ideia de que são verdadeiras, e, mais importante, fazendo o leitor pressupor que foram verificadas, enquanto, no segundo perfil, descobrimos que vários aspectos não foram constatados, nem sequer presenciados.

O jornalista afiança, por exemplo, que a História Oral de Gould fora iniciada há 26 anos; afirma que o boêmio escreve todo dia, e, mais questionável ainda do ponto de vista da ética jornalística, escreve como se tivesse tido contato com a obra, descrevendo, por exemplo, o aspecto de “todos” os cadernos originais:

Gould tem medo de morrer antes de concluir a primeira versão da História Oral, que já é onze vezes maior que a Bíblia. Calcula que os originais contêm 9 milhões de palavras, todas escritas por extenso. Trata-se, talvez, da obra inédita mais longa que existe: a História Oral e as notas ocupam 270 cadernos de linguagem, desses que as crianças usam na escola, todos rasgados, imundos, manchados de café, gordura e cerveja. (MITCHELL, 2003, p. 16).

Temendo que os originais fossem destruídos durante a 2ª Guerra Mundial, período em que o primeiro perfil foi produzido, o jornalista garante que Gould “embrulhou-os em dois pedaços de encerados e confiou-os a uma conhecida que tem uma granja perto de Huntington, em Long Island. A casa da granja tem um porão de pedra” (2003, p. 17).

Mitchell tece comentários como se tivesse lido a obra de Gould, que seria resultante de 20 mil conversas, em passagens pretensamente verídicas, como “escreve com grande franqueza, chegando a um elevado percentual de obscenidade” (2003, p. 18). E segue por vários parágrafos comentando a obra que não leu, chegando a fazer observações específicas, como “grande parte da História Oral tem forma de diário” (p. 19), cuja estilística seria “digressiva” (p. 20) e portadora de “ensaios autobiográficos”. Em seguida, afirma que poucos leram a obra de Gould, não esclarecendo se ele próprio leu, mas fazendo crer que sim.

O jornalista reproduz as falas de Gould sem se responsabilizar por elas, justificando a observação de Maingueneau de que “quando o enunciador cita no discurso direto a fala de alguém, não se coloca como responsável por essa fala, nem como sendo o ponto de referência de sua ancoragem na situação de enunciação” (2004, p. 138).

A leitura crítica do segundo perfil joga luz sobre o primeiro, do ponto de vista das informações duvidosas que foram sonegadas na primeira versão. E, ao contrário do discurso peremptório, lastreado em pretensas certezas, a estilística é cautelosa 22 anos

depois, com termos precavidos para se referir às declarações de Gould. Lemos expressões do tipo “dizia ele”, “se declarava convencido”, “afirmava”, “Gould contava às pessoas”, “da maneira como a descrevia” (2003, p. 35-36). O narrador não mais assume as informações.

Quanto à construção do enredo, utiliza uma estratégia de adiamento da notícia principal – a História Oral não existia – enquanto fornece fatos que servem como justificativas atenuantes da falha primária de apuração. Assim, o narrador começa o segundo perfil resumindo a vida de Gould; informa que depois da sua morte, em 1957, os cadernos com os originais não foram encontrados, mas não esclarece que inexistiam – faz isso duas vezes, limitando-se a escrever “estou certo de que sei porque nunca se encontrou o manuscrito da História Oral”, e emenda, transformando em suspense a deficiência de investigação: “antes de prosseguir, no entanto, sinto-me na obrigação de explicar como cheguei a essa conclusão” (MITCHELL, 2003, p. 38).

Nessa explicação, o jornalista realiza dois recuos temporais: a 1942, quando conheceu o perfilado, narrando longa história de uma pintura grotesca representando Gould com três pênis; e recua novamente, a 1932. Trata-se de uma estratégia narrativa que chama a atenção para fatos secundários, contextuais, deixando em perspectiva a revelação mais importante, de que fora enganado pelo personagem.

Enquanto adia a revelação do segredo de Joe Gould, o narrador descreve, sem parecer incomodado, procedimentos reprováveis do ponto de vista da ética jornalística, como dar dinheiro ao entrevistado, antes mesmo do primeiro encontro presencial, via secretária da revista *The New Yorker*, e lhe paga bebidas e refeições. Siderado pelo boêmio, pretensamente um grande escritor, o jornalista não estranha a declaração de Gould, de que fala a língua das gaivotas, nem quando o personagem pronuncia o que seria a tradução de um poema de Longfellow na língua dos pássaros – informações que não aparecem no texto de forma anedótica ou exótica, mas com teor verídico.

Quanto aos originais da História Oral, no primeiro encontro Gould entrega dois cadernos de anotações ao jornalista, único material consultado para feitura do perfil, muito pouco diante da enormidade da narrativa que estaria sendo escrita, ocupando 270 cadernos. Teria sido obrigação do repórter folhear, ao menos, parte significativa dos originais.

A postura do jornalista é ainda mais contraditória quando comenta a leitura decepcionante dos dois cadernos consultados. Ele fica frustrado por não encontrar o

conteúdo prometido por Gould, mas mesmo assim manteve a publicação do primeiro perfil, sem relevar o que escreve nesta passagem do segundo texto:

Eu estava perplexo. Esses capítulos da História Oral não tinham relação nenhuma, que eu percebesse, com a História Oral que Gould me descrevera. Não continham fala nem conversa nenhuma e, ao menos que fossem considerados monólogos do próprio Gould, nada tinham de oral (MITCHELL, 2003, p. 75).

Assim, duas perguntas se impõem: por que, no primeiro perfil, de 1942, a História Oral não foi questionada? E por que Joseph Mitchell deu crédito a ela, se não encontrou prova suficiente de sua existência?

Lemos ainda outras informações que o jornalista obteve antes da escrita do primeiro perfil, mas só revelou no segundo, como a confissão, escrita por Gould em um dos cadernos de originais, de que tinha “delírio de grandeza” (MITCHELL, 2003, p. 76), revelação que novamente não é relacionada à mentira que o personagem conta. O narrador segue a história, informando que teve acesso a mais cinco cadernos, mas o conteúdo repete os anteriores. Ou seja, em sete volumes consultados, pouca novidade, e nada de oralidade – constatação, reiteramos, percebida antes da escrita do primeiro perfil, mas excluída dele, e somente revelada no segundo texto, 22 anos depois.

Naquele que poderia ser um momento-chave da apuração, de desmascaramento de Joe Gould, o jornalista conta que disse ao personagem não ter encontrado nada de oral nos originais. O boêmio responde que produzira dois tipos de textos, orais e ensaios, e que o repórter lera somente os registros do segundo tipo. Então, em uma confissão da superficialidade da apuração e, ao mesmo tempo, do quanto estava sendo condescendente, Joseph Mitchell afirma que “essa informação dissipou de imediato minha perplexidade com relação à História Oral; parecia explicar tudo” (2003, p. 81).

Não explicava. E não deveria ter dissipado a dúvida, mas aumentado a desconfiança – seria o caso de ter pedido para ver outros originais, nos quais aparecesse o tipo de texto ainda não lido, de teor oral. Mas, ao invés de insistir na apuração, o repórter relata que se levantou da mesa de bar onde conversava com Gould e foi pegar, e pagar, outra bebida.

Na sequência, o personagem começa a narrar novo desdobramento desconfiável de sua história: a quase totalidade dos originais da História Oral, registrada manualmente em cadernos, estava no porão da granja de uma amiga, fato relatado no primeiro perfil, porém com menos detalhamento. E emenda com uma declaração que deveria deixar

qualquer repórter desconfiado: “Não vou lhe informar o nome dela nem o endereço da granja, portanto, não me pergunte” (MITCHELL, 2003, p. 82).

O jornalista não pergunta. Ao invés disso, dá dinheiro a Gould para ir até a presumida guardadora dos originais. O boêmio demora para realizar a viagem e, na volta, alega não ter encontrado a dona da granja. Ela teria viajado para cuidar de um parente enfermo, sem previsão de retorno. Ato contínuo, Joseph Mitchell dá mais dinheiro ao personagem, para que telefone para a amiga, depois do boêmio se recusar a realizar a ligação telefônica da redação da revista *The New Yorker*, diante do jornalista. A guardadora dos originais, ocupada com cuidados médicos, não atenderia durante o dia, o contato teria que ocorrer no final da noite, justifica Gould.

No dia seguinte, ele alega ter realizado o telefonema usando o aparelho de um bar, mas sua amiga teria desligado na sua cara. O jornalista sugere tentar novamente a ligação, mas o boêmio o impede, declarando que a dona da granja também não o atenderia. Então Joseph Mitchell conta que quase desistiu de realizar o perfil:

Pelo que percebi, a História Oral era a razão de ser de Gould, e, se não pudesse citá-la, ou pelo menos descrevê-la em primeira mão, eu não via como escrever seu perfil. Eu poderia adiar o trabalho até a amiga dele voltar da Flórida e abrir o porão, mas sabia, por experiência própria, que adiar um projeto dessa natureza geralmente equivalia a abandoná-lo: sabia que meu interesse desapareceria assim que me envolvesse com outra matéria e que logo estaria detestando o perfil pelo simples fato de deixá-lo pendente. Além disso, eu estava cada vez mais desconfiado de Gould; começara a pensar que, qualquer que fosse o motivo, ele não queria realmente que eu lesse a parte da História Oral e que, quando tal amiga voltasse, uma nova dificuldade haveria de surgir. Por impulso, concluí que a melhor coisa a fazer era abandonar o projeto naquele exato momento e partir para outro assunto o mais rápido possível. (MITCHELL, 2003, p. 86).

Mas o jornalista não desiste de fazer o perfil e se contenta com um encontro no bar, onde Gould promete reproduzir a parte oral da história que dizia escrever. Durante a conversa, bebe, tornando pouco produtivas esta entrevista e as seguintes.

Esses encontros seguiam um padrão. Gould citava passagens da história oral enquanto o gim e a cerveja iam surtindo efeito; depois perdia o interesse pela História Oral e se punha a falar cada vez mais sobre si mesmo, até se tornar seu único assunto” (MITCHELL, 2003, p. 92).

Após as conversas que o jornalista considera menos produtivas do que imaginava, afirma: “Achei que já estava bastante familiarizado com uma amostra representativa de capítulos da História Oral e não precisava mais ouvi-lo” (MITCHELL, 2003, p. 93). Então começa a escrever o primeiro perfil, conforme nos conta no segundo.

Já no final desse texto lemos, finalmente, sobre a descoberta de que Gould mentira, flagrante que acontece por acaso. Em uma conversa com um editor de livros, na presença do repórter, o boêmio se nega a mostrar a História Oral para possível publicação. O jornalista reclama com Gould sobre a oportunidade perdida e afirma: “Estou começando a crer que a História Oral não existe”. Ato contínuo, se surpreende com a revelação de sua própria fala, quase involuntária:

Essa frase saiu do meu inconsciente, e eu não tinha muita noção do que estava dizendo – só estava desabafando minha raiva –, mas no momento seguinte, ao olhar para Gould, tive certeza de que havia descoberto a verdade sobre a História Oral (MITCHELL, 2003, p. 107).

Reiteramos: essa descoberta aconteceu antes da publicação do primeiro perfil, mas só foi revelada no segundo. Na tentativa de construir um discurso redentor para si e para o personagem, o jornalista faz afirmações com as quais poucos profissionais concordariam: “Sempre tive horror a ver alguém desmascarado, flagrado numa mentira ou pego com a boca na botija, e agora, com tempo para refletir, senti vergonha de mim mesmo por ter perdido a calma e me enfurecido com Gould” (MITCHELL, 2003, p. 109).

O jornalista diz compreender seu personagem, justificando a mentira contada por Gould, com a lembrança de um romance que gostaria de ter escrito, mas não escreveu, permanecendo a história em sua cabeça – talvez, acontecera o mesmo com seu perfilado, pondera. “Passei a me sentir cada vez mais solidário com Gould” (MITCHELL, 2003, p. 113).

Na mesma página, elogia a atitude do personagem que o enganara: “Comecei a achar admirável que ele *não* tivesse escrito a História Oral” (MITCHELL, 2003, p. 113, com itálico do autor). E escreve um enorme parágrafo abonando a atitude de Gould, como estratégia de sobrevivência de um homem subjugado. “Eu não queria denunciá-lo” (MITCHELL, 2003, p. 115). E não denunciou, pois escreveu o primeiro perfil sem revelar a descoberta da mentira.

Acreditamos que o resumo crítico-comparativo dos enredos dos perfis é capaz de evidenciar a postura leviana tanto de Joe Gould, quanto do jornalista. Contudo, a linguística dispõe de ferramentas que podem nos fazer compreender, teoricamente, a interação entre os dois.

Inferências e reformulações da fala

Retomemos o tema principal da trama: Joe Gould estaria escrevendo uma História Oral que impressiona o repórter, mas desde os primeiros diálogos havia elementos suficientes para desconfiar das declarações do boêmio, bastante incoerentes.

Façamos um raciocínio jornalístico básico: Gould estaria escrevendo durante vinte e seis anos um livro que alegava ser onze vezes maior do que a Bíblia, com nove milhões de palavras, narrativa manuscrita em 270 cadernos. O conteúdo da História Oral resultava de vinte mil conversas. Assim, ele teria que ter realizado 1.300 entrevistas por ano, média de 3,5 por dia, todo dia. Simplesmente impossível.

Apesar de Joe Gould ser descrito como um desequilibrado, ele tem muito mais consciência do que o jornalista das interações linguísticas durante as entrevistas. O perfilado direciona a produção de sentidos porque considera a especificidade da situação (o interesse pela vida boêmia de um pária social); deixa de compartilhar informações (sobretudo, evita mostrar a história que supostamente escrevia); age com plena consciência dos interesses de ambos (ele quer convencer de uma mentira; o repórter quer escrever o perfil); enfim, Gold tem um plano, divulgar sua suposta história, parecendo um grande escritor, e realiza operações específicas para tal (como andar com dois cadernos de anotações, alegando que os outros estariam guardados em segurança, em local distante). Em suma, tem uma intenção e a realiza.

Nas diversas conversas que mantém com o jornalista, Joe Gold expressa plena consciência de que “textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza” (KOCH, 2003, p. 26).

Se o perfilado é competente linguisticamente, o jornalista deixa de considerar diversos aspectos de construção de sentido durante as conversas, e não faz inferências fundamentais, sobretudo no que diz respeito às informações extraordinárias que Joe Gold transmite: não seria de se desconfiar da existência de um livro onze vezes maior do que a Bíblia? E o que dizer da existência de 270 cadernos, nunca apresentados pelo perfilado?

Inferências são possíveis e necessárias na modalidade escrita ou falada, constituindo “estratégias cognitivas extremamente poderosas, que permitem estabelecer a ponte entre o material linguístico presente na superfície textual e os conhecimentos prévios e/ou compartilhados dos parceiros de comunicação” (KOCH, 2003, p. 28).

Joseph Mitchell não considera importantes ou não percebe estratégias de interação social durante as entrevistas e conversas informais com Joe Gould, como seus sinais corporais de encolhimento quanto questionado, a fala que diminui de ritmo, as confusões entre informações desconexas, as mudanças de entonação, rodeios e mal-entendidos.

Esses e outros sinais são percebidos e descritos nos perfis, sobretudo no segundo, mas nunca para questionar a história principal que o perfilado conta, a produção de uma monumental História Oral. O jornalista quer levar a bom termo o jogo da linguagem, mas exagera na condescendência, encara as negociações e conflitos da interação como situações que não geram dúvidas. Mesmo assim, quando ocorrem embaraços e confusões, o perfilado reformula suas proposições diante de um repórter que parece não perceber estes sinais como críticos para a veracidade do perfil que escreverá.

Segundo Koch (2003), existem reformulações retóricas e saneadoras. Retoricamente, essas reformulações operam com paráfrases e repetições, e Joe Gold repete muitas vezes as informações sobre a história que estaria escrevendo, com a “função precípua” de “reforçar a argumentação” (KOCH, 2003, p. 40), enquanto, nas raras vezes em que é contraposto, reformula proposições para sanear eventuais dúvidas, “com função de solucionar imediatamente após a verbalização de um segmento, dificuldades nele detectadas pelo próprio falante ou pelos parceiros” (idem).

Há ainda uma terceira estratégia textual mobilizada por Joe Gold diante da qual um repórter não pode ser inocente, a “referenciação”. Temas, personagens, nomes, sinônimos, descrições e objetos podem ser referenciados e retomados formando “cadeias coesivas mais ou menos longas” (KOCH, 2003, p. 40). São pistas presentes na superfície das declarações, que não foram capazes de alertar Josep Mitchell, como o armazenamento dos originais em local distante.

Coesão, coerência e incoerência

É como recurso argumentativo-pedagógico que distinguimos coesão e coerência, pois a separação total entre os dois aspectos é impossível. São fenômenos distintos, mas com imbricamentos, como o próprio perfil de Joe Gold demonstra – aceitar a aparente coesão das falas do entrevistado incidiu decisivamente no perfil escrito, incoerente porque acrítico.

Segundo Koch (2003, p. 45), coesão é um “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos”.

Desse ponto de vista, as declarações de Joe Gould eram em geral coesas, tinham sentido, estabeleciam ligação entre informações e formavam sequências aparentemente lógicas. Porém, o jornalista Joseph Mitchell não percebeu ou não sabia que a coesão diz respeito ao aspecto superficial da fala ou do texto, situação em que os referentes, como dissemos, precisam muitas vezes ser inferidos através de pistas presentes nas declarações dadas. Apesar de detectáveis nas situações de interação, possibilidades de inferências nem sempre são evidentes, como em algumas declarações de Joe Gould, enquanto outras nos parecem evidentemente falsas.

A insistência do perfilado em reiterar ao jornalista e a outros os aspectos-chave de sua história – que era oral, monumental, seria considerada uma obra-prima e o consagraria como autor genial – revela sua habilidade no uso de uma função coesiva fundamental, chamada “anafórica”. Segundo Fiorin, ela circunscreve uma “matriz de ênfase”, usada para “reportar-se a todo um segmento do texto” (2003, p. 584), no caso repetições de aspectos principais da história oral de Joe Gould alegava escrever: onze vezes maior do que a Bíblia, com nove milhões de palavras, narrativa registrada em 270 cadernos, guardados no porão da casa de fazenda de uma amiga distante.

Nesse sentido, Maingueneau nos lembra da eficácia implícita da coesão construída por anáforas, pois, “para o enunciador, as retomadas anafóricas constituem um meio privilegiado de impor sub-repticiamente algumas avaliações” (2004, p. 202), como faz Joe Gould em relação ao jornalista interessado em sua história inventada.

Mas o boêmio não faz só declarações; algumas informações são sonegadas, o que também deveria despertar desconfiança. Conforme nos lembra Orlandi, “ao longo do dizer, há toda uma margem de não ditos que também significam” (2015, p. 82). Nem tudo que é silenciado significa, mas, para fazer o perfil de Joe Gould, o jornalista estava somente interessado nas declarações da fonte, desprezando o que não era pronunciado. “Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (ORLANDI, 2015, p. 85).

Isso quanto à coesão. Quanto à coerência, ela se constituiu para os interlocutores formando sentidos através das situações de interação, especificamente das entrevistas, neste caso. O jornalista pouco negociou ou problematizou o conteúdo do que ouvia,

deixando de efetuar “cálculos”, nas palavras de Koch (2003, p. 53), para estabelecer corretamente as relações de coesão e coerência.

A coerência, portanto, longe de constituir mera qualidade ou propriedade do texto, é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional (KOCH, 2003, p. 52).

O jornalista não desconfiou da maneira exagerada do perfilado se referir à pretensa história oral que escrevia, sempre com superlativos, garantindo que não só ela constituiria um dos livros mais importantes da humanidade, como ele mesmo seria reconhecido como um dos maiores autores de seu tempo. O repórter deixou de “depreender a orientação argumentativa que o produtor pretende imprimir ao seu discurso” (KOCH, 2003, p. 54).

A insistência de Gould em classificar seu imaginário trabalho como “história oral” também constituía um importante aspecto a ser decifrado, pois implicaria em uma quantidade de entrevistas humanamente impossível de serem realizadas, conforme demonstramos.

O que aconteceu com as informações falsas declaradas por Joe Gould e incorporadas ao perfil escrito por Joseph Mitchell corrobora com a seguinte posição teórica: “Não há dúvida de que a presença de recursos coesivos em um texto não é condição nem suficiente, nem necessária da coerência” (KOCH, 2003, p. 57).

Isso porque a coerência, geralmente vista como atributo dos textos, é uma propriedade da interpretação, de quem enxerga coerência, sobretudo quando marcadores não são explícitos. Daí ser decisivo o aspecto ideológico dos enunciados, que promove as conexões necessárias à coerência. Quando elas não coincidem com as intenções dos discursos, os intérpretes “são assujeitados pelo texto, e essa é uma parte importante do ‘trabalho’ ideológico dos textos e dos discursos na ‘interpelação’ dos sujeitos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113-114).

Falhas de apuração

Os teóricos que discutem perfis não costumam chamar a atenção para a incoerência originada na falta de interpelação crítica dos perfilados. Sérgio Vilas-Boas, autor dos mais referenciados, lista mais de 30 orientações a quem deseja escrever um

texto no gênero perfil, mas somente em uma delas alerta para que “não idealize o seu personagem. As pessoas são o que são. E que assim sejam” (2014, p. 271-287).

Para Felipe Pena(2021, p. 72, 73), deve-se evitar a “idolatria aos personagens relatados, o que é muito perigoso”, considerando que os autores de histórias de vida “têm interesse em aceitar a coerência da existência narrada”.

Perfis cuja coesão aparente esconde incoerências resultam de métodos limitados de captação das informações, especialmente durante as entrevistas, principal procedimento para realização de textos jornalísticos que pretendem apresentar um personagem. O jornalista interessado em reconstituir aspectos fundamentais da vida de alguém não deve se limitar a realizar somente uma entrevista, nem em conversar só com o perfilado, deve procurar terceiros.

Quando as entrevistas permanecem na superficialidade da coesão e não são capazes de relevar incoerências, provavelmente não ocorrem diálogos profundos, transformadores para entrevistador e entrevistado, como diagnostica Cremilda Medina em obra sobre entrevista. Segundo ela, em geral as conversas estabelecem uma relação de objetificação, o repórter se sente superior ao entrevistado, ou vice-versa, um tipo de relação que a autora chama de EU-ISTO (2001, p. 44), em maiúsculo no original.

Para Medina, a mudança paradigmática deveria estabelecer um contato humanizado, não hierarquizado, na chave do EU-TU (2001, p. 44). O deslumbramento do jornalista em relação ao personagem impede um relacionamento horizontal, em que ambos se transformam, e no qual podem ser reveladas as informações recônditas. Nos melhores casos, nos quais o diálogo pleno é possível, ocorre uma situação pedagógica, de mútuo ensino-aprendizagem: “Se trata, por um lado, da modernização técnica dos processos profissionais e, por outro, da permanente busca do Diálogo Possível” (MEDINA, 2001, p. 37).

É bom frisar que o diálogo é possível, mas não há garantias de que ocorra, mesmo com todas as precauções. O encontro humano é sempre imprevisível e a autora sabe disso, o que faz da sua obra uma proposta aberta, não um manual de execução – tal ponto de vista é defendido por Medina em várias de suas obras, a exemplo das mais recentes (2022a, 2022b, 2022c), em que reitera a dialogia e a necessidade de observação complexa de personagens e da realidade, pois o ato presencial é repleto de mistério e transformações (2016).

Considerações finais

As omissões e equívocos de Joseph Mitchell não revelam somente problemas de conduta ética e falhas na captação de informações, mas evidenciam, sobretudo, a tendência a construir perfis jornalísticos exaltando lados positivos e exóticos dos personagens. O foco recorrente nesses aspectos não impediu o jornalista de descobrir as mentiras do perfilado, mas ele as omitiu no primeiro perfil; porém, mais criticável ainda, o procedimento fez com que Mitchell tivesse dificuldade em perceber que a história inventada poderia ser tão ou mais interessante que a versão publicada.

Se idealizar a condição de escritor pária, autor de uma obra monumental, era a realidade vivida, mesmo que falsamente pelo boêmio Joe Gould, qual o problema em reportar isso? Não se estaria, inclusive, chegando mais perto da condição psicologicamente problemática do perfilado, sua condição real? A primeira lição que fica, portanto, é a de que a escrita de perfis não deve se enquadrar na versão que o jornalista deseja, mas precisa se ater ao que ele apura, independentemente de possíveis constrangimentos para o autor, personagem e leitores.

Outra conclusão possível é a de que o chamado jornalismo literário, ao se preocupar mais com a forma textual do que com o conteúdo, comete o erro de inverter os princípios do trabalho jornalístico, que lida com informações verificáveis e cuja prioridade não é estética. Os perfis de Joe Gould podem até ser considerados primorosos do ponto de vista estilístico, mas revelam o despreparo do jornalista, tanto do ponto de vista ético, quanto dos instrumentais de apuração de informações, especialmente no que diz respeito à entrevista.

Para usar a expressão de Cremilda Medina (2001), o resultado final publicado no primeiro perfil leva a crer que o diálogo entre repórter e fonte foi possível, mas, ao lermos criticamente o segundo, percebemos que não houve, de fato, fluência na conversação, mas arrogância e objetificação – Joseph Mitchell se sentiu seguro para publicar o primeiro perfil, mesmo sabendo que as principais informações eram falsas, e foi novamente arrogante ao narrar, na segunda versão, a descoberta da mentira como se não tivesse sido responsável por ela. Enquanto isso, o personagem o fez de objeto para seus delírios.

Isso nos remete novamente à Cremilda Medina, para quem a competência de diálogo constitui “o dilema do analfabetismo emocional contemporâneo” (2003, p. 60). Isso porque estar afeto a algo ou a alguém não significa deslumbramento, ou adesão

inocente a fatos e personagens, mas implica em uma atitude de alteridade e, sobretudo, em uma ação: nesse caso, a ação de prescrutar a realidade criticamente.

Em cada nova situação que ultrapassa os limites consagrados da razão, por mais que ouçam aqueles que se interrogam e não apenas os que afirmam com precisão e clareza, os jornalistas apresentam um déficit de entendimento da trama complexa do presente (MEDINA, 2008, p. 61).

Ao contrário do que afirma João Moreia Salles no posfácio da edição da Companhia das Letras utilizada neste artigo (2003, p. 139), Joseph Mitchell não era um jornalista que sabia escutar – e se sabia, ouvia somente aquilo que o interessava, resultando em uma escuta altamente questionável. Isso não impediu, entretanto, que os dois perfis de Joe Gould se tornassem clássicos. Afinal de contas, a obra é resultado daquilo que os leitores fazem dela, ou, como diz Eagleton, “o que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram” (2006, p. 13).

Por isso, esperamos contribuir para que se reconsidere o deslumbramento com o qual os perfis de Joseph Mitchell são interpretados.

Referências

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Princípios, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística, volume 2: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2003.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como ampliação do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário – tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MEDINA, Cremilda. **2020, o ano em que o mundo se afetou (narrativas apesar de)**. São Paulo: Portal do Envelhecimento Comunicação, 2022a.

MEDINA, Cremilda. **Memórias lúdicas: em tempo de pandemia**. São Paulo: Portal do Envelhecimento Comunicação, 2022b.

MEDINA, Cremilda. **Nas trilhas do saber plural: três décadas de interrogantes**. São Paulo: ECA-USP, 2022c.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis: O mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio**. Barueri: Manole, 2014.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ⁱ Professor de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. Editor da Agência de Notícias das Favelas (ANF). Pós-doutorando com pesquisa sobre livro-reportagem na Universidade de São Paulo.